

# O ENSINO DE SINTAGMAS PREPOSICIONAIS PREDICADOS EM SENTENÇAS COPULATIVAS A PARTIR DE LIVROS DIDÁTICOS

## The teaching of prepositional predicate phrases in copulative sentences from textbooks

Kelly Carolaine dos Santos Pereira<sup>1</sup>

Orientador: Marcelo Amorim Sibaldo<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste estudo, buscamos analisar como se dá o ensino de predicativos preposicionados em sentenças copulativas em livros didáticos de português, tendo em vista a escassez de investigações acerca deste contexto sintático-semântico. Para tanto, analisamos a coleção didática direcionada ao Ensino Médio *Se liga nas linguagens Português* (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020), utilizando como suporte as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e as discussões empreendidas por Bechara (2019) e Perini (2016) em seus compêndios gramaticais. Confirmando nossa hipótese inicial, os resultados demonstraram que a coleção analisada é carente de reflexões conceituais e metodológicas no que concerne ao fenômeno em foco, visto que desconsidera a preposição enquanto núcleo e formadora de sintagmas preposicionais predicados em sentenças copulativas.

**Palavras-chave:** sentenças copulativas; sintagmas preposicionais; livro didático

### ABSTRACT

In this study, we seek to analyze how prepositional predicates are taught in copulative sentences in Portuguese textbooks, given the shortage of investigations about this syntactic-semantic context. To do so, we analyzed the didactic collection aimed at High School *Se liga nas linguagens Português* (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020), using as support the guidelines of the National Curricular Common Base (BRASIL, 2018) and the discussions undertaken by Bechara (2019) and Perini (2016) in his grammar textbooks. Confirming our initial hypothesis, the results showed that the analyzed collection lacks conceptual and methodological reflections regarding the phenomenon in focus, since it disregards the preposition as a nucleus and as a form of prepositional phrases predicates in copulative sentences.

**Keywords:** copulative sentences; prepositional phrases; school books

## 1 INTRODUÇÃO

Na cartilha “Equipamentos e materiais didáticos”, publicada pelo Ministério da Educação, o material didático é conceituado como “todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo” (BRASIL, 2007, p. 21). No caso específico do fazer docente de língua portuguesa, principalmente considerando a prática de análise linguística, o professor comumente toma como suporte dois materiais: o livro didático e os compêndios gramaticais. Por isso, esses materiais precisam ser estudados

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso Letras Português - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup>Prof. Dr. do Departamento de Letras do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

rigorosamente a fim de verificar se as suas atividades e explicações estão alinhadas a um ensino pautado na análise e na reflexão dos fenômenos linguísticos, conforme orientam os documentos oficiais.

Dentre os fenômenos linguísticos passíveis a serem investigados, frisamos que, embora sejam bastante produtivas no português brasileiro atual, rendendo muitas discussões pertinentes aos estudos de análise linguística, ainda são poucos os estudos que se debruçam nas investigações sobre as sentenças copulativas. Afunilando aos sintagmas preposicionais predicados, as pesquisas passam a ser escassas. Assim, tendo em vista essa carência na agenda de pesquisa e a necessidade de revisarmos o material que chega aos professores e estudantes de português, esta pesquisa pretende averiguar se e como esse contexto sintático-semântico é deflagrado em uma coleção de livros didáticos aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2021 (PNLD).

Para tanto, trazemos como objetivos específicos: a) revisar dois compêndios gramaticais a fim de compreender como é feita a conceitualização da predicação e do predicativo, e como as preposições são encaixadas no contexto com verbos-cópula; b) identificar, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as habilidades que versam sobre a predicação e o uso das preposições; c) analisar se há uma superficialidade no tratamento das preposições nos livros didáticos de português e refletir sobre as motivações dessa carência, uma vez que esta influencia também no fazer docente do professor de língua portuguesa.

Trazemos como hipótese a ideia de que a coleção analisada carece de reflexões conceituais e metodológicas no que concerne ao funcionamento sintático-semântico dos sintagmas preposicionais, principalmente quando estes são predicados de sentenças copulativas. Ademais, possivelmente, o tratamento das preposições é reduzido à ligação de um adjunto adnominal ou de um complemento verbal; enquanto os verbos de ligação são vistos apenas como conectores.

Para que o leitor alcance as nossas reflexões, subdividimos este estudo da seguinte forma: na seção 2, traremos o aporte teórico que guiou a nossa análise – isto é, os estudos linguísticos acerca das sentenças copulativas encabeçadas por sintagmas preposicionais (2.1), a revisão dos compêndios gramaticais (2.2) e a revisão da Base Nacional Comum Curricular (2.3). Em seguida, no tópico 3, descreveremos os procedimentos metodológicos adotados durante a execução deste estudo. Já no 4, traremos o detalhamento das nossas análises, primeiro de forma mais direcionada à coleção didática (4.1) e, posteriormente, refletindo sobre as motivações para os resultados encontrados (4.2). Por último, ressaltaremos as nossas considerações finais acerca desta pesquisa na seção 5.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

### **2.1 Acerca das sentenças copulativas encabeçadas por sintagmas preposicionais**

A Teoria Gerativa, em seu modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981 e 1986), traz como premissa a consideração de *princípios* comuns a todas as línguas naturais. Para mais, a teoria também considera que as idiosincrasias entre as línguas são estabelecidas a partir dos *parâmetros*, isto é, “propriedades que uma língua pode ou não exibir” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2016, p. 20).

Dentre os princípios semânticos fundamentais para a sistematicidade das línguas naturais humanas, podemos ressaltar o da *predicação*, que, para Raposo (2013), é a via pela qual o falante pode alegar “um determinado estado das coisas”

(p. 1285) ao vincular um sujeito a um predicado. Dentre as estruturas possíveis para tornar visível o princípio da predicação, o autor ainda destaca uma, no miúdo, em que o verbo, no lugar de possuir um sentido pleno, vai funcionar apenas como núcleo gramatical. Nesse caso, o verbo passa a ser intitulado de *verbo cópula*, ao passo que a sentença recebe o título de *oração copulativa*.

Sendo apenas um núcleo gramatical, o verbo cópula não fica encarregado de subsidiar a predicação do sujeito nas copulativas, como salienta Duarte (2003). Portanto, quem assume essa função é o próprio *predicativo*, o qual encontra-se, em seu lugar prototípico, à direita do verbo.

A natureza categorial do predicativo, como demonstram os exemplos logo a seguir, pode variar em, pelo menos, até quatro tipos: *Sintagma Nominal (SN)*, *Sintagma Adjetival (SA)*, *Sintagma Adverbial (SAdv)* e *Sintagma Preposicional (SP)*<sup>3</sup>.

- (1) a. A Francisca é *empresária*. (SN)
- b. O Josivan é *lindo*. (SA)
- c. O Pedro está *aqui*. (SAdv)
- d. Este pote é *de lata*. (SP)

Por serem responsáveis pelo próprio estabelecimento da predicação, os constituintes predicativos impõem restrições semânticas não apenas ao verbo cópula, como também ao próprio sujeito das orações copulativas. Assim, quando o verbo e o sujeito não atendem as condições semânticas impostas pelo predicativo, as sentenças passam a ser agramaticais<sup>4</sup>, como exemplificam as sentenças (2b) e (2d). No caso de (2b), entendemos que *a cadeira* não pode ser predicada por um adjetivo que exprime uma condição meteorológica. Já em (2d), compreendemos a não possibilidade do uso do verbo *estar* em uma sentença que atribui uma característica biológica permanente.

- (2) a. O dia está nublado.
- b. \*A cadeira está nublada.
- c. O morcego é mamífero.
- d. \*O morcego está mamífero.

Como pudemos perceber com os exemplos supracitados, de fato há uma relação de caráter direto entre o predicativo e o sujeito. Por causa disso, alguns autores que se amparam na Teoria Gerativa, como Miotto e Foltran (2011), defendem que as orações copulativas são, deveras, *small clauses* (orações pequenas, doravante SC). Nessa concepção, podemos observar em (3) a existência de um predicado (SP *de pano*) que demanda uma saturação que é atendida pelo sujeito gramatical (*A boneca*). Outro ponto a ser destacado é que, por se tratar de uma copulativa, o verbo-cópula *ser* é considerado um “verbo leve” no que concerne ao seu significado. Sendo assim, de modo diferente das sentenças predicadas por verbos lexicais, nas sentenças copulares, a predicação é feita por um predicado da SC e não pelo verbo cópula (“de ligação”).

- (3) A boneca é de pano.

Nos parâmetros do português brasileiro (daqui em diante PB), os verbos *ser* (do latim *sedēre*, que significa “estar sentado”) e *estar* (do latim *stare*, que significa

<sup>3</sup> Este último, foco desta pesquisa.

<sup>4</sup> Sentenças agramaticais são as que, por não pertencerem a uma dada língua (neste caso, ao português brasileiro), não são reconhecidas pelo falante nativo.

“estar de pé”) são os mais típicos na ocupação da posição de verbo cópula de uma sentença copulativa<sup>5</sup>. Por não possuírem uma carga semântica plena, como já mencionamos, a permutabilidade entre *ser* e *estar*, em alguns contextos sintáticos, é feita a partir das características de aspecto e modo desses verbos<sup>6</sup>. Assim, como salienta Raposo (2013), “o verbo *ser* marca a atribuição ao sujeito de uma propriedade tida como essencial nele”, enquanto “o verbo *estar* perspectiva o estado em que se encontra uma entidade como sendo durativo mas limitado temporalmente” (p. 1297, grifo do autor).

Partindo dessa noção de modo e aspecto, podemos classificar, lançando mão da nomenclatura versada na Teoria Gerativista (cf. CARLSON, 1977), o verbo “*ser*” como *individual level*, tendo em vista o seu caráter de atribuir características mais intrínsecas; e o verbo “*estar*” como *stage level*, levando em conta o seu viés de atribuição de característica mais efêmera. É imprescindível salientar, ainda, que o intercâmbio entre esses verbos cópulas não é possível em todas as copulativas. Assim, em (4a), podemos observar a possibilidade de permuta – mesmo que haja alteração nas noções de aspecto e modo veiculadas pelo verbo. Já em (4b) e (4c), é possível perceber contextos em que a substituição infringe a saturação exigida pelo predicado.

- (4) a. O Kelvin *é/está* lindo.  
b. A Joana *é/\*está* enfermeira.  
c. A janela *\*é/está* fechada.

Ao observar os exemplos citados até aqui, é possível constatar que, facilmente, encontramos sentenças, cujos predicados são SNs e SAs. Em contraste, os SADvs e os SPs são os predicadores menos comuns. Conforme Raposo (2013), essa desproporção deve-se, sobretudo, ao pertencimento dos SADvs e dos SPs a classes fechadas. Sendo os SPs o foco do presente trabalho, nos ateremos apenas a eles a partir daqui.

Em sentenças copulativas com SPs, o sintagma é formado por uma preposição que, além de selecionar, também marca tematicamente<sup>7</sup> o seu complemento. Dando importância a essas especificidades dos sintagmas encabeçados por preposições e as discussões empreendidas até então, resta-nos ratificar a proposição de Raposo (2013), o qual afirma a possibilidade de um mesmo verbo-cópula ser seguido por diferentes preposições, *exempli gratia*:

- (5) a. O timbu *está em* cima da árvore.  
b. A senhora *está de* cama.  
c. A tampa da panela *está para* cima.

Sendo assim, como acontece com sintagmas de outras naturezas categoriais, a gramaticalidade das sentenças com SPs também vai depender das seleções semânticas implicadas pela própria preposição.

---

<sup>5</sup> Na literatura acerca dos verbos copulares, alguns autores como Raposo (2013) consideram verbos como *permanecer*, *ficar*, *parecer* etc. como semi-cópulas. Por não ser o foco do nosso trabalho, não faremos essa discussão aqui, ficando somente para trabalhos futuros.

<sup>6</sup> Há línguas em que a mudança do aspecto e modo não é visível por meio da permuta entre verbos cópulas. A título de exemplo, o verbo *to be*, do inglês, é utilizado tanto em predicados de caráter intrínseco quanto em predicados de caráter efêmero. Assim, sentenças como “*She is beautiful*” permitem duas possibilidades de leitura (ela *é/está* bonita).

<sup>7</sup> Ao falar de papel temático, nos referimos à “função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença” (CANÇADO, 2003 apud BERG, 2005, p. 59).

Para além disso, é de suma importância mencionar que uma mesma preposição pode desencadear diferentes papéis temáticos, e que essa variação depende do seu nível de gramaticalidade e do seu conteúdo semântico. A título de exemplo, Ilari et al (2021) ressalta que a preposição *para* é “altamente gramaticalizada e frequente” e possui uma “noção de trajeto que lhe é inerente [...]” (p. 198).

- (6) a. Este presente é *para Lucilene*. (beneficiário)
- b. A xícara de vidro é *para chá*. (finalidade)
- c. A viagem da empresa é *para Natal*. (alvo)

Essa noção de trajeto, que está intrínseco na preposição *para*, pode ser apreendida nos papéis temáticos que essa preposição demarca, como demonstra os exemplos em (6a), (6b) e (6c).

De modo distinto da preposição *para*, a preposição *de* é definida semanticamente por um esvaziamento. Por consequência, a preposição *de* possui uma gramaticalidade ainda maior e consegue desencadear uma expressiva variedade de papéis temáticos, como demonstram os exemplos em (7):

- (7) a. Minha escrivadinha é *de madeira maciça*. (material)
- b. Aquele carro vermelho é *do Gabriel*. (posse)
- c. Meu namorado é *da Paraíba*. (origem)
- d. A flor do bolo é *de comer*. (finalidade)
- e. Essa pizza é *da boa*. (tema)
- f. Gean estava *de joelhos* no sofá. (modo)

Diante do exposto, torna-se inquestionável a relevância das preposições no contexto dos sintagmas preposicionais predicados em sentenças copulativas, dado que é essa classe de palavras a responsável pelo desencadeamento das noções semânticas da sentença.

## 2.2 Compêndios gramaticais: o que versam sobre o fenômeno

### 2.2.1 Gramática normativa

Para a análise de cunho tradicional, elegemos a 39ª edição da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, publicada em 2019, que é, inclusive, uma das mais vendidas no Brasil<sup>8</sup>. Sobre essa escolha, é de suma importância ressaltar que, embora o gramático classifique sua obra como descritiva e normativa, compreendemos o conteúdo de sua gramática a partir desta segunda titulação, uma vez que, como o próprio autor salienta, “não se rompe de vez com uma tradição secular: isto se explica por que esta moderna gramática traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico.” (2019, p. 25).

Considerando que o compêndio de Bechara (2019) segue o índice da tradição gramatical, nossa análise partiu da discussão feita acerca da classe dos verbos. Para o autor, “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual o falar organiza seu significado lexical” (p. 231). Nesse sentido, a noção de significado lexical é tratada como parte das características essenciais da classe dos verbos. Partindo dessa designação, o autor, sem demora, lança a polêmica questão dos verbos cópulas ao dizer que:

---

<sup>8</sup> Conforme *ranking* do *e-commerce Amazon*, disponível em: <<https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books/7843016011>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer “vazio”, o que justifica a denominação tradicional de “cópula” – marca gramatical de identidade – e a classificação “relacional” de Said Ali). (p. 231 e 232, grifos do autor)

Acerca dessa discussão, Bechara (2019) reconhece a vagueza semântica dos verbos copulativos como *ser* e *estar*, a qual torna-os menos “potentes” na sentença perante o próprio predicativo, mas, ainda assim, considera-os como núcleo da oração predicativa nominal com base num critério exclusivamente sintático. Conforme o autor, as cópulas não podem ser distintas dos outros verbos de significado lexical mais “intenso”, visto que carregam também as marcas morfológicas de pessoa e número com base no sujeito gramatical.

No tocante à classe das preposições, Bechara (2019) afirma que “chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência [...], que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.” (p. 319). Ao sinalizar qual seria o papel dessa classe, o autor reduz as preposições a um mero “índice da função gramatical de termo que ela introduz.” (p. 319). Bechara (2019) ainda ressalta que, em caso de adjunto adnominal, a preposição funciona como um mero “*transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce” (p. 319, grifo do autor). Já nos casos em que vem no complemento, a preposição “aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical” (p. 320, grifo do autor).

Partindo para a semântica das preposições, Bechara (2019) destaca a necessidade de ater-se à questão de que, “na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação” (p. 321). Para exemplificar, o gramático utiliza a semântica da preposição “com”, a qual possui o significado de *copresença* como unitário e os de *companhia*, *modo*, *instrumento*, *causa*, *oposição* etc. como sentidos contextuais. Torna-se válido acentuar que, em toda a explicação, o autor não utiliza exemplos com verbos copulativos.

Ao destrinchar a preposição *com*, para além de reiterar os sentidos contextuais em que a preposição aparece, Bechara (2019) ressalta que ela “inicia o complemento de muitos verbos e nomes” (p. 337), mas, novamente, não utiliza nenhuma cópula em seus exemplos. Esse papel de introdutor de complementos também é citado na explicação acerca da preposição *de*. Sobre esta, o autor também cita as inúmeras “circunstâncias” que ela pode indicar, como *origem*, *posse*, *matéria*, *causa*, *assunto*, *meio*, *tempo* etc. O único momento que Bechara cita um contexto em que a preposição *de* aparece com uma cópula é ao falar da fórmula “é de”, a qual tem um sentido correlato ao “é próprio de” – por exemplo: “é da natureza humana...” (p. 339).

Chegando na parte da sintaxe do português, ao falar de *predicado*, Bechara (2019) diz que “o núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*” (p. 440, grifo do autor), reiterando o protagonismo verbal já

anunciado na discussão dessa classe de palavras. Em uma seção específica destinada à discussão dos predicados, Bechara abre um parêntese para falar do complemento predicativo. Nesse momento, o gramático chama atenção para um grupo reduzido de verbos, no qual estão inseridos *ser* e *estar*, destacando que esse conjunto específico

integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de complemento predicativo ou tão somente predicativo. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.” (p. 449).

Apesar de destacar essa dessemelhança no funcionamento semântico, Bechara (2019) diz que, sob um caráter puramente formal, há alguns aspectos confluentes entre os predicativos e os complementos diretos (objetos diretos) que fazem alguns estudiosos ou considerar o predicativo como propriamente um complemento direto ou tratar os dois como variantes funcionais da mesma função. Dentre os aspectos referidos para sustentar essa similitude, lançamos o olhar especificamente para estes dois:

- a. “ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante”;
- b. ambos “aparecem normal e imediatamente (*sem preposição*) à direita do verbo.” (p. 449 e 450, grifo nosso).

Pondo esses pontos, o gramático escanteia a possibilidade dos sintagmas preposicionais predicarem sentenças copulativas e reitera que o verbo, ainda que possua uma semântica “vaga”, funciona como núcleo. Porém, mais adiante, ao discutir acerca das classes que funcionam como predicativo, Bechara (2019) reconhece a aparição outras classes, para além dos substantivos e adjetivos, funcionando como predadoras, incluindo nos exemplos orações preposicionadas como “O primo é dos nossos / Nós somos do Norte. / O compromisso está de pé.” (p. 451).

Tendo em vista as questões postas em análise, depreendemos que, em síntese, a *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2019) apresenta as preposições sob um viés reducionista, tratando-as como subservientes às demais classes gramaticais e deixando de lado sua capacidade de atribuição de papel temático, visto que, para o autor, estes são desencadeados pelo sentido contextual da sentença. Para mais, os predicados preposicionados ficam à margem do tratamento sintático, dado que o verbo cópula é disposto na gramática como um verbo lexical de natureza transitiva direta, na qual os predicativos são, por consequência, complementos diretos.

### 2.2.2 Gramática descritiva

Como mencionado anteriormente, a gramática descritiva selecionada para resenhar foi a *Gramática descritiva do português brasileiro*, do professor e pesquisador em Linguística Mário A. Perini (2016). A obra segue uma organização própria que difere da engendrada sumarização das gramáticas tradicionais.

Primeiramente, ao nos ater aos verbos copulativos – comumente intitulado como “verbo de ligação”, não encontramos uma discussão consistente acerca destes. De outra maneira, em apenas um momento o autor menciona o

comportamento sintático do verbo *ser* ao falar que ele não pode ocorrer em construções transitivas, uma vez que nestas o sujeito é Agente e o objeto Paciente (2016, p. 184). Já no capítulo 16, ao falar dos *verbos leves*, o autor afirma que, em sentenças com esses verbos, “a especificação do evento é feita por um complemento, e não pelo verbo”, visto que este tem uma “menor carga semântica” (p. 229). Mas, ainda que admita a ínfima carga semântica desses verbos, Perini (2016) não utiliza nenhum exemplo com os verbos *ser* e *estar*.

Acerca da dicotomia entre complementos e adjuntos, Perini (2016) assume que “as razões dessa dicotomia, assim como os critérios para aplicá-la, são muito insatisfatórios tanto na gramática tradicional quanto em muitas abordagens mais recentes.” (p. 85). Apesar disso, o autor lança mão de uma distinção, na qual os “constituintes que não são mencionados na definição da construção transitiva [...] se denominam, tradicionalmente, *adjuntos*; os que figuram na definição [...] são *complementos*.” (p. 85, grifo do autor). Considerando essa distinção e a não consideração do verbo *ser* enquanto transitivo, entendemos que Perini (2016) deixa em aberto a classificação dos predicados pospostos à cópula como adjunto.

Já no que concerne à classe das preposições, Perini (2016) a conceitua como “uma palavra que se coloca antes de um SN de maneira que a sequência resultante é um *sintagma adjetivo* ou um *sintagma adverbial*” (p. 440, grifo do autor). Por consequência dessa definição, Perini chama de *sintagma preposicionado* - e não preposicional - os “sintagmas nominais precedidos de preposição”. Ou seja, para o autor, “sintagma preposicionado não é uma categoria gramatical como SN; é apenas uma denominação cômoda para um conjunto de categorias: *de* + SN, *para* + SN, *por causa de* + SN etc” (2016, p. 121).

Ainda sobre o tratamento dado às preposições, verificamos as seguintes contradições por parte do autor:

(I) Perini não admite que no sintagma preposicionado a preposição seja o elemento nuclear e que, por isso, parte dela a atribuição de papel temático; mas, ao tratar dessa classe de palavras, o autor, além de conferir à atribuição de papel temático a causa do grande quantitativo de preposições, contraditoriamente acata a classificação tradicional que separa a classe das preposições entre *predicadoras* e *funcionais*, sendo apenas a primeira capaz de atribuir papel temático, ainda que afirme que tal classificação “não é totalmente nítida, nem plenamente conhecida”<sup>9</sup> (2016, p. 121);

(II) O autor define “papel temático” como “a relação semântica que existe entre o verbo e os diversos sintagmas que coocorrem com ele na oração” (2016, p. 197). Com essa definição, a atribuição dos papéis temáticos fica exclusivamente a cargo dos verbos, deixando as preposições à margem dessa função — sobretudo em frases copulativas. Mas, embora sustente a atribuição/subordinação da preposição ao verbo, o autor ressalta em outro momento que “temos sintagmas tematicamente transparentes, com papel temático independente do verbo” e que “nesses casos o papel temático é dado pela preposição”, visto que “a valência do verbo não tem relevância para a identificação do papel temático”<sup>10</sup> (p. 239).

---

<sup>9</sup> Sobre essa classificação, concordamos com a tese de Berg (2005), a qual defende que a propriedade de predicação ou funcionalidade de uma preposição não está inerente nela, mas depende do contexto em que ela está inserida.

<sup>10</sup> Consideramos, de outra forma, que todas as preposições que encabeçam sentenças copulativas são responsáveis por atribuir o papel temático do seu complemento.

No todo, embora proponha-se a “acompanhar os progressos da pesquisa” (p. 23) no que se refere à estrutura do português brasileiro, Perini (2016) admite que essa atualização foi feita com base nos limites dos seus conhecimentos e reconhece a complexidade das questões relativas aos sintagmas preposicionais. Sendo assim, estendemos essa afirmação às sentenças copulativas ao afirmar que discussões mais profundas destas também não são encontradas na versão mais recente da gramática descritiva de Perini (2016), ainda que esses contextos sintático-semânticos sejam de muita produtividade.

### 2.3 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino de sintagmas preposicionais predicados

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem sido utilizada nos últimos anos como o principal documento norteador da educação básica brasileira, tendo a sua versão mais atual publicada em 2018. A partir desse documento, as instituições e os profissionais da educação de todo o país têm um guia das competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica. Tendo em vista a importância da BNCC (2018) enquanto proposta de unificação do ensino nacional, empreendemos uma revisão do documento a fim de compreender quais são as habilidades e competências que versam sobre o ensino das preposições e da predicação nominal.

Apesar de a coleção didática analisada ser direcionada ao Ensino Médio (daqui em diante EM), fez-se imprescindível a verificação do que a BNCC direciona ao Ensino Fundamental, pois, de acordo com o próprio documento, “em comparação com o Ensino Fundamental, a BNCC de Língua Portuguesa para o Ensino Médio define a progressão das aprendizagens e habilidades” (BRASIL, 2018, p. 499), cabendo, portanto, ao EM, a consolidação e complexificação dos conhecimentos direcionados aos anos anteriores.

Assim, ao revisarmos as habilidades gerais do eixo de análise linguística/semiótica, encontramos dois tópicos de morfossintaxe que dão margem para o ensino do fenômeno em análise:

- Conhecer as classes de palavras abertas (substantivos, *verbos*, adjetivos e advérbios) e fechadas (artigos, numerais, *preposições*, conjunções, pronomes) e *analisar suas funções sintático-semânticas nas orações e seu funcionamento* (concordância, regência).
- Perceber o funcionamento das flexões (número, gênero, tempo, pessoa etc.) de classes gramaticais em orações (concordância).
- *Correlacionar as classes de palavras com as funções sintáticas* (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.). (BRASIL, 2018, p. 83, grifo nosso).

O complemento necessário para o ensino sintático-semântico dos sintagmas preposicionais predicados em sentenças copulativas veio, de modo mais direcionado, em duas habilidades específicas dirigidas aos 8º e 9º anos, as quais versam que, nesses anos do Ensino Fundamental, os alunos devem aprender a:

- (EF09LP05) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com a estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo.
- (EF09LP06) Diferenciar, em textos lidos e em produções próprias, o efeito de sentido do uso dos verbos de ligação “ser”, “estar”, “ficar”, “parecer” e “permanecer”. (BRASIL, 2018, p. 189).

Ainda sobre a importância de uma análise crítica e reflexiva dos fenômenos presentes na língua materna do estudante, na seção das habilidades que abrangem

todos os campos de atuação social do EM, a BNCC (2018) enfatiza que os estudantes devem

(EM13LP08) Analisar elementos e aspectos da sintaxe do português, como a ordem dos constituintes da sentença (e os efeitos que causam sua inversão), a estrutura dos sintagmas, as categorias sintáticas, os processos de coordenação e subordinação (e os efeitos de seus usos) e a sintaxe de concordância e de regência, de modo a potencializar os processos de compreensão e produção de textos e a possibilitar escolhas adequadas à situação comunicativa.

(EM13LP09) Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola. (BRASIL, 2018, p. 507).

Com efeito, a BNCC (2018) direciona, a partir das habilidades dispostas, que o professor do EM deve “[...] possibilitar aos estudantes condições tanto para o adensamento de seus conhecimentos, alcançando maior nível de teorização e análise crítica, quanto para o exercício contínuo de práticas discursivas em diversas linguagens” (p. 486). Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa deve desvencilhar-se da abordagem puramente tradicional, uma vez que, ao ancorar-se somente nos compêndios, o docente acabaria por não abordar ou adotar um posicionamento inconsistente diante de fenômenos gramaticais que requerem um adensamento teórico maior, mas que são recorrentes nos usos do falante.

### 3 METODOLOGIA

Nos passos iniciais desta investigação, realizamos um levantamento e um estudo bibliográfico a fim de sobressaltar as questões teórico-metodológicas pertinentes tanto na análise dos SPs predicados em sentenças copulativas quanto nos procedimentos adotados pela pesquisa documental. Como aparato teórico, utilizamos as discussões empreendidas por Duarte (2003) e Raposo (2013).

Em seguida, como já descrito, fizemos uma revisão de duas gramáticas de naturezas distintas: a Gramática Descritiva do português brasileiro, de Mário A. Perini (2016); e a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara (2019), a qual possui um cunho mais tradicional; a fim de verificar como o fenômeno das sentenças copulativas predicadas por sintagmas preposicionais aparecem nelas. Mais adiante, estendemos a revisão ao principal documento norteador do Ensino Básico atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de averiguar quais são as habilidades e competências que versam sobre o ensino de predicação e preposição e quais as séries previstas para que elas sejam desenvolvidas.

Partindo dessa investigação documental de método dedutivo (LAKATOS E MARCONI, 2022), para a seleção do *corpus*, consideramos as obras didáticas aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2021 (PNLD) e elegemos a coleção *Se liga nas linguagens Português*, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicada em 2020 pela Editora Moderna. A coleção é direcionada ao Ensino Médio e foi publicada em volume único. Para sua seleção, consideramos a forma como a obra organiza os conteúdos de língua portuguesa, a qual divide-se em duas seções: Literatura e Análise Linguística/Semiótica; mostrando-se, assim, mais produtiva e organizada para uma investigação linguística frente às demais obras aprovadas pela mesma edição do PNLD.

Tendo em vista o fenômeno em discussão neste estudo, fizemos uma revisão de toda a seção de Análise Linguística/Semiótica da obra didática e selecionamos os seguintes capítulos para a análise: 24 *Verbo*; 26 *Preposição e conjunção*; e 28 *Predicados, objetos, predicativos e adjuntos adverbiais*. Mais adiante, analisamos, de forma paralela, as gramáticas e os capítulos selecionados, de modo que fosse possível constatar as implicações das primeiras nestes últimos, bem como o modo como o fenômeno aparece no LD. Com os resultados analisados sob uma abordagem qualitativa, empreendemos uma discussão acerca das consequências do tratamento sintático-semântico dado ao fenômeno em estudo no ensino de língua portuguesa, sobretudo no que diz respeito ao eixo de análise linguística.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 Análise da coleção *Se liga nas linguagens Português***

Como já ressaltamos nos procedimentos metodológicos, a coleção em análise, *Se liga nas linguagens Português* (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020), possui uma divisão bem demarcada entre o que seria a seção de Literatura e a seção de Análise Linguística/Semiótica. Ao argumentar acerca dessa divisão, encontramos a seguinte afirmação no manual do professor: “[...] defendemos que é essencial que os alunos tenham acesso a um material, também em um único volume, que possa ser consultado a qualquer tempo, e que traga atividades de reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais.” (p. VIII). Partindo dessa afirmação, depreendemos que, embora intitule metade do livro sob o nome de apenas um eixo de ensino (deixando os eixos de leitura, escrita e oralidade como periféricos), os autores propõem-se a lançar mão de um conteúdo que tencione o desenvolvimento das habilidades epilinguísticas dos alunos diante dos fenômenos gramaticais.

No índice da seção de Análise Linguística/Semiótica do LD, observamos uma organização baseada nas disposições de conteúdo dos compêndios gramaticais. Em outras palavras, o livro segue a famosa sequência que parte do que seria língua e linguagem, segue para os processos morfológicos, destrincha as classes de palavras até chegar no estudo sintático das sentenças simples e compostas. Esse ancoramento na gramática tradicional é validado pelos autores ao afirmarem que procuraram na coleção “eleger, no vasto conteúdo que a gramática tradicional põe à disposição dos especialistas, aqueles que julgamos efetivamente contribuir para a formação do leitor/produtor de textos [...]” (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020, p. XV).

Restou-nos, portanto, averiguar se, assim como nas gramáticas analisadas, o tratamento dos sintagmas preposicionais predicados também é ausente no livro em análise. Para a análise da coleção, utilizamos a versão do Manual do Professor a fim de ter mais precisão acerca das pretensões dos autores com o tratamento dos conteúdos e com as atividades propostas. Nesse ínterim, relacionamos paralelamente os capítulos que poderiam versar sobre o fenômeno em questão com as orientações específicas dos capítulos descritas pelos autores.

No capítulo 24 da sessão de Análise Linguística/Semiótica, cujo título é “Verbos”, os autores propõem uma reflexão acerca dessa classe de palavras. O capítulo, que vai da página 231 até a 241, divide-se nos seguintes subtópicos acerca dos verbos: Flexões dos verbos; Verbos auxiliares e suas funções; Formas nominais dos verbos; e Vozes verbais. Quanto à disposição do conteúdo dos verbos, os autores alegam que “estão em foco mais a análise dos efeitos de seu uso e menos a

de suas flexões, e está previsto o tratamento de aspectos da sintaxe para o estudo da concordância e da regência” (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020, p. LXVII). Para além disso, o capítulo busca promover o “[...] estudo dos verbos para comparações entre o uso efetivo da língua, mostrado nas gramáticas de uso, e aquele apresentado nas gramáticas tradicionais” (p. LXVII), assim como direciona a BNCC.

Figura 1 – Introdução do capítulo e proposta de atividade sobre verbos

CAPÍTULO

# 24

## Verbo

Leia nossa proposta de abordagem do tema no **Suplemento para o professor**, p. LXVII.

**PERCURSO DO CAPÍTULO**

- Verbo sob a perspectiva semântica
- Funções do verbo no sintagma verbal
- Flexões verbais
- Verbos auxiliares
- Formas nominais

**Pra começar**

Os verbos — principalmente sua estrutura morfológica, que é bastante complexa — são estudados desde os primeiros anos escolares. Para iniciar a revisão e o aprofundamento do estudo dessa classe gramatical, vamos observar algumas formas verbais sob as perspectivas semântica (sentido) e sintática (função).

Leia a tirinha do cartunista paranaense Benett e responda às questões a seguir.

Benett



1. Por que o texto da pergunta, no primeiro quadrinho, não apresenta um traço como nos demais? Porque não é uma fala da personagem da tirinha, é de alguém que não está em cena e não é determinado.
2. Qual é a expectativa de resposta para essa pergunta convencional? Em geral, indica-se uma profissão.
3. Compare as pessoas e as formas verbais usadas no segundo e no terceiro quadrinhos para caracterizar as ações dos adultos. Em que elas diferem? O que explica essa diferença?
4. Que significado tem, no contexto da tira, o verbo *encolher*? Por que seu uso é especialmente expressivo nesse caso?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em razão da natureza dinâmica da internet, com milhares de sites sendo criados ou desativados diariamente, é possível que algum endereço citado neste capítulo não esteja mais disponível.

3. No segundo quadrinho, a personagem emprega formas verbais relativas à primeira pessoa do plural (nós, implícito na desinência), incluindo-se no grupo adulto porque está considerando uma transformação inevitável. No terceiro, ela usa formas que reme-

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 231)

Seguindo a proposta de ensino a partir de gêneros, os autores lançam uma atividade de leitura, interpretação e análise de uma tirinha para que, a partir dela, o assunto a respeito dos verbos seja construído. Acontece que, de fato, há a presença dos dois tipos de verbos (nacionais e de ligação) no texto, mas a explicação feita da diferença semântica e sintática desses dois verbos acontece de forma expositiva e não prescinde de qualquer habilidade epilinguística, isto é, de reflexão a partir do uso da língua, desenvolvida a partir da atividade proposta.

Figura 2 – Explicação acerca da diferença sintático-semântica dos verbos

*Querer, crescer, brincar, imaginar, perder, trabalhar, pensar, ter e encolher* são verbos, assim como *ser, estar, virar e ficar*. Há, contudo, uma diferença semântica entre eles: enquanto os do primeiro grupo indicam *ação* ou *atividade*, os do segundo expressam *estado*. Sintaticamente, o comportamento dos dois tipos de verbo é diferente, pois apenas os primeiros exercem a função de núcleo do predicado, aquela parte da oração que, geralmente, declara algo sobre o sujeito. Acompanhe a análise.



O verbo indica uma ação e exerce a função de núcleo do predicado.



O verbo associa um termo caracterizador ao sujeito. Esse termo é o núcleo do predicado.

Assim como os demais verbos, os que indicam estado, chamados **verbos de ligação**, são fundamentais para a construção do enunciado, embora não sejam o núcleo do predicado. Note a diferença entre *Esta pergunta está errada* e *Esta pergunta continua errada*. São os verbos que nos permitem saber como o produtor do texto avalia a ação que se desenrola no tempo.

**Verbo** é a classe de palavras que expressa ação, estado, fenômeno da natureza ou outros processos, situando-os em relação ao momento da enunciação. Desempenha papel fundamental no predicado, podendo atuar como núcleo deste.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 231-232)

De modo produtivo, porém, os autores assumem um posicionamento dissonante do que Bechara defende – conforme já discutimos, uma vez que consideram o *predicativo* como o núcleo da sentença, e não o *verbo*. Nas observações direcionadas ao professor, inclusive, os autores esclarecem essa colocação, tendo em vista o não consenso dos gramáticos. Para mais, a distinção entre os predicados feita pela obra segue a classificação verbal, nominal e verbo-nominal proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), ainda que os autores confessem os questionamentos dessa classificação perante a linguística moderna.

Outros pontos a serem destacados é a diferença semântica desencadeada pela escolha de diferentes verbos de ligação em uma mesma sentença e a definição dada aos verbos, a qual não é feita a partir do papel de núcleo da sentença – como erroneamente acontece nas gramáticas de Perini (2016) e Bechara (2019), por exemplo. Reiteramos, porém, o fato de que essas questões deveriam ser sistematizadas de forma menos expositiva, partindo de uma atividade que promova, para além de interpretação do gênero, uma análise linguística/semiótica aprimorada.

Por último, destacamos a ausência de sintagmas preposicionados predicados – além de outros, como os sintagmas adverbiais, por exemplo – e o protagonismo

dos substantivos e adjetivos assumindo essa posição. Tendo em conta que apenas nesse breve momento introdutório do capítulo os verbos de ligação aparecem como foco, acreditamos que este seria o momento apropriado para destacar os tipos possíveis de classes que podem nuclear essa posição no português.

Mais à frente, as classes das preposições e das conjunções dividem o mesmo capítulo (26). De imediato, a brevidade da seção destinada ao estudo das preposições nos surpreendeu, pois além de dividir um capítulo com outra classe, das cinco páginas dedicadas às preposições, três versam sobre o fenômeno da crase. Ao observarmos essa organização, já ressaltamos a quase impossibilidade dos autores conseguirem atribuir a relevância necessária à classe de palavras em análise, visto que sua complexidade demanda explicações e atividades bem elaboradas e destrinchadas.

Essa pouca atenção ao ensino das preposições já fica evidente nas orientações específicas do capítulo, quando Ormundo e Siniscalchi (2020) equiparam as conjunções e as preposições ao ressaltar que

Tendo em vista a complexidade dessa classificação, optamos por nos concentrar na função dos termos na estrutura da língua e nos valores semânticos que carregam. Sugerimos a você, professor, que não invista no processo de memorização dos termos, que, ao final, resultará em um quadro impreciso. (p. LXX).

Fora a sugestão de uma prática voltada à função sintático-semântica da classe das preposições – que não é feita de forma específica, mas englobando também as conjunções, em nenhum outro momento os autores direcionam a explicação no manual para o ensino particular das preposições. De outra forma, os autores do LD focam nos encaminhamentos de ensino e tratamento das conjunções, destacando a importância delas.

Figura 3 – Atividade de introdução à seção das preposições

Leia nossa proposta de abordagem do tema no [Suplemento para o professor](#), p. LXX.

### Pra começar

Veja essa peça publicitária divulgada no *site* do grupo *Política por de para mulheres*.



Disponível em: <<https://institutopoliticam.wixsite.com/mulheres/post-unico/2019/06/12/I-Escola-de-Inverno>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

1. Considerando o contexto de circulação, é correto afirmar que a peça cumpre sua função de divulgar um curso? Por quê?
2. Quais relações são expressas pelas preposições *por*, *de* e *para*, que compõem o nome do grupo?
3. Como essas preposições, em conjunto, expressam a identidade do grupo?
4. Observe o centro do logotipo do grupo. Como ele é composto? Que ideia essa composição expressa?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 246)

Na atividade de introdução do capítulo, Ormundo e Siniscalchi (2020) utilizam uma peça publicitária pela presença de preposições na parte verbal do texto. Na segunda questão, observamos que o enunciado demanda que o aluno reflita acerca das relações expressas pelas preposições, isto é, que o aluno observe qual papel temático está sendo desencadeado pelas preposições utilizadas para nomear o nome do grupo que está sendo anunciado. Todavia, ao analisarmos o restante do capítulo, constatamos que não há outra menção ao papel temático que as preposições atribuem. Inclusive, mais adiante, os autores chegam a expor que

Parte das palavras da classe das preposições conecta os termos estabelecendo relações de sentido bem marcadas. Há situações, porém, em que o valor semântico da preposição não se sobressai. Veja: “Exclusivo para ex-alunas”. Aqui, a preposição *para* funciona como um elo sintático necessário para a complementação do termo exclusivo. A função dela, nesse caso, é relacional, sendo pedida pela estrutura da língua. Certos verbos, por exemplo, sempre exigem uma preposição para o acréscimo de seu complemento: gostar de, acreditar em, concordar com etc. (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020, p. 247)

Nessa explanação, observamos que há uma confusão entre critérios semânticos e sintáticos, pois os autores utilizam de funções essencialmente sintáticas – introdução de complemento nominal e verbal, respectivamente – para distinguir o que comumente é classificado entre preposições fracas e fortes<sup>11</sup> com base no sentido semântico das preposições. A ausência da metalinguagem ao falar de papéis temáticos também salientam esse desalinhamento, visto que o sentido do termo “relações” encaixa-se tanto em um contexto sintático quanto semântico, principalmente por possuir sinonímia com o que seria o “elo sintático”, podendo, portanto, facilmente deixar os estudantes embaraçados.

Figura 4 – Definição da classe das preposições

No sintagma nominal *Escola de Inverno*, a expressão *de Inverno* se conecta ao termo a que se refere por meio de uma **preposição**. Esta liga um termo a outro e habilita o segundo a desempenhar uma função gramatical diferente daquela que costuma exercer. Observe:



**Preposições** são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração. Elas marcam a relação gramatical dos termos que introduzem.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 246)

Para definir o que seria uma preposição, o livro resgata a locução adjetiva expressa na publicidade e ressalta, quase que de forma redundante ao longo da explicação, que as preposições servem como elemento de ligação que marca relações gramaticais. Com isso, mais uma vez os autores reprimem a forte importância semântica que a classe possui nos seus usos sentenciais.

Figura 5 – Explicação sobre a classe das preposições

<sup>11</sup> Berg (2005), ao estudar o comportamento semântico lexical das preposições do português do Brasil, define como preposição fraca “aquelas que apresentam mais variedade de sentidos” (p. 26), como a, com, de, para e por. Já as que apresentam um sentido “bem demarcado, reduzido a um (ou uns poucos) e, em geral, ele pode ser estabelecido fora do contexto sentencial” (p. 26) são denominadas de fortes, como *ante*, *após*, *até*, *contra*, *desde*, *entre*, *perante*, *sem*, *sob*, *sobre*.

As preposições podem estar incluídas em sintagmas nominais, formados em torno de nomes, como no exemplo anterior, ou verbais, como vemos em *gosta **de** doces* ou *confia **em** seu professor*. Os termos que as antecedem são chamados de **subordinantes**, e os que as seguem são os **subordinados**.

As preposições são invariáveis e podem ser expressas por uma só palavra ou formar **locuções prepositivas**, constituídas por duas ou mais. Veja, no quadro a seguir, as principais **preposições** e exemplos de **locuções prepositivas**.

Preposições			Locuções prepositivas*		
a	desde	sob	abaixo de	através de	junto com
após	em	sobre	acerca de	de acordo com	graças a
ante	entre	trás	a fim de	dentro de	para cima de
até	para		além de	depois de	por causa de
com	perante		antes de	devido a	
contra	por (per)**		apesar de	em frente a	
de	sem		a respeito de	em vez de	

\*Observe que o elemento final das locuções prepositivas é sempre uma preposição.

\*\*A antiga preposição *per* deixou de ser usada isoladamente, mas ainda aparece em contrações com artigos, formando *pelo, pela, pelos e pelas*.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 247)

Dando continuidade à explicação da classe, os autores tendem a reduzir as preposições à formação de locuções adjetivas e à introdução do complemento indireto, deixando de lado a produtividade das orações em que a preposição introduz e marca tematicamente o predicativo em sentenças com verbos de ligação. Frisamos, ainda, que, mesmo orientando o professor a não prender-se à exercícios de memorização das preposições e locuções prepositivas, os autores cedem um considerável espaço para uma tabela que só expõe os elementos da classe e não acentuam as especificidades dos usos e dos efeitos de sentido desencadeados por cada preposição – ao menos das mais utilizadas no português brasileiro atual. Sendo assim, o LD acaba por não garantir o desenvolvimento da habilidade (EM13LP08) da BNCC, a qual versa, justamente, sobre como o aluno deve analisar os efeitos dos elementos sintáticos a fim de “potencializar os processos de compreensão e produção de textos e a possibilitar escolhas adequadas à situação comunicativa” (BRASIL, p. 507).

Ademais, o livro só explana o uso das preposições antecedendo o pronome relativo e, como já salientado, dedica-se a explorar as regras que regem o fenômeno da crase, como ilustra a figura 6 a seguir.

Figura 6 – Explicação sobre o fenômeno da crase

As condições para a ocorrência da crase são as seguintes: o termo subordinante (anterior) exige a preposição *a* e o subordinado (posterior) é antecedido pelo artigo *a* (*as*) ou é um dos pronomes demonstrativos iniciados por *a-*: *aquilo*, *aquele*, *aquela*, *aqueles* e *aquelas*. Veja:



A partir das observações anteriores, podemos chegar à conclusão de que não se emprega a crase antes de termos masculinos, de artigos indefinidos, da maior parte dos pronomes e dos verbos porque estes não admitem ser antecidos pelo artigo *a*.

O emprego da crase ocorre, ainda, em um outro caso: nas locuções prepositivas, conjuntivas e adverbiais de que participam palavras femininas:

*Estava à frente de todos os negócios.*

**À medida que** chovia, a estrada se tornava mais perigosa.

Frequentava a escola **à noite**.

Fez toda a lição **às pressas**.

Escreveu o relatório **à mão**.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 249)

Feitas as análises dos capítulos de morfologia, partimos para a busca dos capítulos de sintaxe que poderiam versar sobre os sintagmas preposicionais predicados em sentenças copulativas. Assim, encontramos o capítulo 28 da coleção, o qual compila, em somente sete páginas, os seguintes tópicos de gramática: Predicados verbal, nominal e verbo-nominal, verbos intransitivo e transitivo, verbo de ligação, predicativos do sujeito e do objeto, concordância do verbo *ser*, objetos direto e indireto, pronome oblíquo como complemento verbal, adjunto adverbial e regência verbal. Nas orientações do capítulo, Ormundo e Siniscalchi (2020) enfatizam e reafirmam “[...] o pressuposto de que tal estudo não deve se concentrar nas atividades de nomeação, sendo a metalinguagem um instrumento necessário à reflexão sobre o uso da língua.” (p. LXXIII). À vista dessa recomendação, coube a nós verificar, além das questões referentes ao fenômeno, se a metalinguagem foi, de fato, utilizada em prol da construção de uma reflexão linguística.

Em primeira instância, Ormundo e Siniscalchi (2020) conceituam o *predicado* como

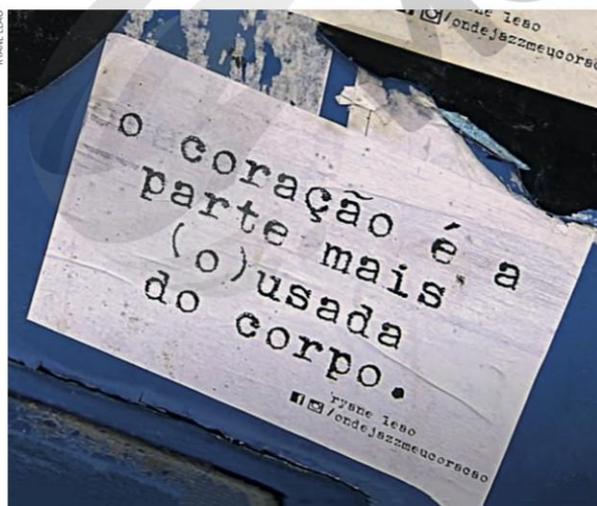
[...] a parte da oração que contém o verbo e os elementos que o modificam ou completam seu sentido. Ainda que se organize em torno do verbo, o núcleo informativo de um predicado pode ser também um nome ou uma associação entre verbo e nome. Daí surgirem três tipos diferentes de predicado [...] (p. 265)

Com base nessa definição, os autores admitem a existência de um predicado que não seja nucleado pelo verbo, mas, por utilizar o termo “núcleo informativo”, depreende-se que o elemento “não-verbal” do predicado funcionará como núcleo semântico e não sintático. A seguir, os autores classificam os *predicados* em verbal, nominal e verbo-nominal.

Figura 7 – Explicação sobre os predicados nominais

### Predicado nominal

Diferentemente do predicado verbal, o **predicado nominal** não tem como núcleo um verbo, mas um **nome** (adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome e substantivo ou termo equivalente). Veja um exemplo no lambe-lambe abaixo.



Os lambe-lambes são manifestações da arte urbana. Colados em espaços públicos, apresentam mensagens que podem inspirar os passantes, fazê-los refletir de um modo novo. Este, fazendo um trocadilho, apresenta uma definição de “coração”. Na oração que a expressa, o predicado declara um atributo ou característica desse sujeito: “a parte mais (o) usada do corpo”. Esse atributo é o **predicativo do sujeito**, e o verbo que o conecta ao sujeito é o **verbo de ligação**.

Esse tipo de verbo carrega informações importantes relativas ao tempo, ao modo e ao aspecto do processo verbal, as quais interferem na maneira como se entende a característica atribuída ao sujeito, mas não acrescenta, por si só, uma ideia nova ao tema, como faz o verbo que é núcleo do predicado verbal. Compare: *O coração é...* e *O coração exige...*

266

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 266)

Ao falar dos predicados nominais, a noção de um elemento diferente do verbo como núcleo é reiterada, mas desta vez, os autores não utilizam o termo núcleo informativo, não deixando claro se trata-se de um núcleo gramatical ou semântico. Para além disso, os autores só mencionam os nomes, isto é, a classe dos substantivos, adjetivos e pronomes como aptos a nuclear essas sentenças predicativas. Dessa forma, as preposições são totalmente excluídas enquanto predadoras<sup>12</sup>.

Partindo dessa necessidade de sempre utilizar exemplos contextualizados a partir de gêneros textuais, Ormundo e Siniscalchi (2020) quebra a explicação acerca dos predicados nominais para dedicar um parágrafo quase inteiro à explanação da função do texto ao circulado socialmente. Com isso, percebemos que o tratamento sintático não está à mercê do gênero, mas, de modo inverso, o gênero é empregado como uma forma de mascarar uma abordagem que, por si só, já segue as rédeas do tradicionalismo – reproduzindo a ordem conceitual, exemplos e atividade.

Não obstante, os autores da coleção conseguem ao menos valorizar as idiosincrasias dos *verbos de ligação* ao citar as informações de modo, tempo e, principalmente, aspecto que eles carregam. Com isso, percebe-se que os verbos considerados “de ligação” não são equiparados ou totalmente esvaziados de sentido, uma vez que, como demonstra o único exemplo utilizado, a alternância

<sup>12</sup> Os advérbios, que também podem funcionar como predadores de sentenças copulativas por meio de sintagmas adverbiais, também são suprimidos da função.

entre eles, por mais que não modifique a estrutura sintática da oração, implica necessariamente em uma alteração semântica.

Figura 8 – Observações sobre os verbos de ligação

Veja, agora, a análise da oração:

O coração **é** a parte mais (o)usada do corpo.

sujeito      verbo de ligação      predicativo do sujeito

predicado

*Ser, estar, ficar, continuar, permanecer, andar, virar e tornar-se* comportam-se frequentemente como **verbos de ligação**.

**O predicado nominal** tem como núcleo uma palavra ou expressão responsável por apresentar algum atributo do sujeito. Esse núcleo é chamado **predicativo do sujeito**. O verbo que o conecta ao sujeito é o **verbo de ligação**.

**Concordância do verbo ser**

- Quando colocado entre um substantivo e um pronome pessoal (e vice-versa), há concordância entre o verbo *ser* e o pronome: *A cobra **sou** eu. Os responsáveis pelo projeto **seremos** nós. Nós **somos** os culpados.*
- Quando está entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo *ser* tende a ir para o plural: *A comida **eram** algumas sementes.*
- Posicionado entre um pronome invariável – *quem, que, o que, tudo, isto, aquilo* etc. – e um substantivo, há concordância entre o verbo *ser* e o substantivo: *Quem **são** os eleitores? Aquilo **foram** as primeiras reações.*
- Nas indicações de tempo, há concordância entre o verbo *ser* e a expressão numérica: *Já **é** meio-dia. São três horas.*
- Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço), o verbo *ser* é invariável: *Dez minutos **é** pouco tempo para a demonstração. Três metros desse tecido **é** demais.*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 267)

Mais à frente, os autores repetem a sentença presente no gênero para que, agora, os estudantes observem a análise feita a partir dela. Entretanto, a análise não transpassa uma classificação sintática de cunho tradicional, na qual não são operadas mudanças nos termos da sentença a fim de suscitar o desenvolvimento das habilidades metalinguística e epilinguística dos alunos. Essa dissonância entre a concepção de análise linguística/semiótica que os autores da coleção afirmam assumir e o tratamento que é reverberado no livro também fica saliente no espaço dedicado à concordância do verbo de ligação *ser*. Nas orientações, como já mencionado, Ormundo e Siniscalchi (2020) propõem um ensino de verbos que traga como foco “[...] mais a análise dos efeitos de seu uso e menos a de suas flexões [...]” (p. LXVII), mas não é isso que encontramos no capítulo em análise.

Figura 9 – Utilização de sentença copulativa na explanação acerca dos adjuntos adverbiais

O adjunto adverbial pode, ainda, alterar todo o enunciado. Reveja a fala de Helga com algumas alterações:

**Incredivelmente,** você **está** **tão** **limpo** **hoje!**

adjunto adverbial      sujeito      verbo de ligação      adjunto adverbial      predicativo do sujeito (adjetivo)      adjunto adverbial

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 270)

Comparando o tratamento dos predicativos feito pelo LD com os das gramáticas utilizadas, averiguamos que a coleção didática de Ormundo e Siniscalchi (2020) se abstém de situar os predicativos como adjuntos ou complementos. Essa abstenção fica manifesta na ausência das sentenças com verbos de ligação nas

seções que versam sobre transitividade verbal e adjunção. No miúdo, uma sentença copulativa até aparece na explanação sobre os adjuntos adverbiais, mas, como pode-se observar na figura 8, o predicativo fica separado dos adjuntos como uma função sintática particular. Ainda sobre o exemplo utilizado, ressaltamos como o excesso de adjuntos adverbiais na mesma sentença, sem sequer explorar os diferentes escopos que eles assumem, tornam a explanação ainda mais rasa.

Tendo em conta que o LD não é apenas um material de consulta, como as gramáticas, mas também de atividades práticas direcionadas aos estudantes, procuramos na coleção atividades que tratassem ao menos dos verbos copulativos – uma vez que, não tendo os sintagmas preposicionais predicados em copulativas nas explanações, tampouco teria nas atividades.

Figura 10 – Atividade em que o verbo de ligação aparece

4. Leia este poema do gaúcho Lau Siqueira.

*Aos predadores da utopia*

dentro de mim  
morreram muitos tigres  
  
os que ficaram  
no entanto  
são livres

4a. Não há uma ordem correta, mas é esperado que reorganizem a primeira estrofe a fim de iniciá-la pelo sujeito e que desloquem a conjunção para o início da segunda oração, por ser uma construção que favorece a compreensão da ideia.  
Sugestão: Muitos tigres morreram dentro de mim; no entanto, os que ficaram são livres.

SIQUEIRA, Lau. In: DANIEL, Claudio; BARBOSA, Frederico (org.). *Na virada do século: poesia de invenção no Brasil*. São Paulo: Landy, 2007.

- Reescreva os versos do poema em forma de prosa. Coloque as palavras na ordem que lhe parece mais natural.
- Quantas orações existem no texto do poema? *Três.*
- Classifique sintaticamente as formas verbais “morreram” e “são”. Justifique.
- A forma verbal “ficaram”, no poema, comporta-se sintaticamente como *morreram* ou como *são*? Por quê? *Comporta-se como morreram, porque traduz uma ação com sentido completo, equivalente a restaram, sobraram.*
- Releia o último verso: “são livres”. Que diferença de sentido haveria se o verbo *ser* fosse trocado por *estar*? E por *continuar*?
- Haveria diferença de classificação do predicado caso o verbo *ser* fosse trocado por um desses outros? Justifique. *Não. Todos eles são verbos de ligação, portanto o predicado é nominal.*
- É correto dizer que os “tigres” são os “predadores” citados no título? Justifique. *Não. Os “tigres” são a “utopia” (isto é, “os sonhos”) que tenta se defender dos “predadores”.*
- Na sua opinião, o poema tem um tom pessimista? Por quê? *Resposta pessoal. O poema aponta a morte de parte das utopias, mas anuncia a permanência de algumas delas em condição de liberdade. Essa conclusão não é pessimista.*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 273)

A única atividade da coleção didática que trouxe o *verbo cópula* como foco foi a disposta na figura 9. Mais uma vez o gênero textual, neste caso o poema, é trazido como um mero repositório de sentenças para análise sintática. Na primeira questão (a), por exemplo, os efeitos de sentido desencadeados pela estrutura escolhida pelo autor do poema são desconsiderados à medida que pede-se ao aluno que transforme o texto em prosa e desfaça as inversões sintáticas. Em seguida (b), a contagem das orações é solicitada. Já na (c), espera-se que o aluno apenas classifique os verbos “morreram” como intransitivo por possuir um sentido que não depreende complemento; e “são” como de ligação por ligar um atributo ao sujeito. No enunciado (d), a estrutura sintática segue sendo colocado como foco, de uma

forma até redundante, pois, sendo as formas verbais “morreram” e “são” classificadas anteriormente de formas distintas na questão (c), obviamente os alunos não vão equipará-las quanto ao comportamento sintático em seguida.

O comportamento semântico do verbo cópula *ser* só aparece na questão (e), na qual espera-se que o aluno reflita acerca da mudança de aspecto do verso “são livres” a partir da alteração do *verbo de ligação*. Mas, quebrando a potencialidade reflexiva crescente que poderia ser suscitada pelo enunciado (e), os autores retomam o caráter classificatório na questão (f). Por fim, um quesito isolado que demanda uma interpretação pessoal do leitor-aluno é lançado pelos autores.

#### 4.2 Motivações para a ausência do fenômeno no ensino de Análise Linguística

Com a ascensão das teorias dos gêneros textuais, o ensino de gramática passou a ser visto como uma prática que prescinde de “contextualização”. Partindo dessa premissa, nos questionamos qual seria o verdadeiro significado do termo “contextualização”, já que, conforme vimos na coleção analisada, as atividades que versam sobre tópicos gramaticais passaram a vir veladas sob um ensino baseado em gêneros “contextualizados”, ainda que analiticamente continuem utilizando procedimentos tradicionais de cunho identificatório e classificatório.

À vista dessa conjectura, torna-se salutar dizer que, nos termos da Teoria Gerativa, a *competência linguística*, como bem define Kenedy (2013), diz respeito à “nossa capacidade de produzir e compreender expressões linguísticas compostas pelos códigos da língua-E [língua enquanto construto sociocultural] de nosso ambiente. Essa capacidade é usada todas as vezes que falamos, ouvimos, escrevemos ou lemos textos [...]” (p. 54-55). Por conseguinte, o aluno, enquanto falante do português, já tem ciência de determinadas regularidades de sua língua, cabendo, portanto, às aulas de língua o desenvolvimento das questões de *desempenho linguístico*, de modo que o aluno fique não apenas munido das opções linguísticas que a sua língua oferece, como também ciente de como a escolha dessas opções suscitam sentidos diversos dentro do texto.

Assim, defendemos que não basta lançar um gênero textual que, por exemplo, utilize notoriamente determinada classe de palavras se, na discussão proposta, não há um trabalho que esmiúce os sentidos desencadeados pelo comportamento sintático-semântico do termo em uso. Se feito dessa forma, o trabalho linguístico não desenvolve as habilidades basilares da BNCC no que concerne o ensino da morfossintaxe, visto que elas defendem que, diante dos fenômenos linguísticos, os alunos devem tanto “correlacionar as classes de palavras com as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.)”, quanto “analisar suas funções sintático-semânticas nas orações e seu funcionamento (concordância, regência).” (BRASIL, 2018, p. 83).

Borges Neto (2013) ressalta que “o comportamento dos gramáticos é sistematicamente anticientífico: eles não buscam coerência e consistência em suas hipóteses, não abandonam hipóteses claramente falseadas e adotam dogmaticamente as noções e análises que se fixaram na tradição.” (p. 81). A propósito, sabendo que o LD não deve funcionar como o protagonista das aulas de língua portuguesa, acreditamos que, sendo uma ferramenta pedagógica, faz-se necessário que ele ancore-se em estudos eficientes e consistentes que transpassam os dispostos nos compêndios gramaticais.

À vista disso, como defende Thomé Viegas (2019), faz-se necessária uma atualização no ensino de língua que considere os avanços nos estudos linguísticos, dado que estes são capazes de promover “não só o raciocínio lógico-científico do

aluno, mas também a conscientização sobre suas opções linguísticas, seja na produção de textos orais, seja na de textos escritos.” (p. 250-251). Esses avanços também deveriam alcançar os autores dos LD, a fim de abolir o anacronismo que perpassa até as obras mais recentes, como é o caso da coleção *Se liga nas linguagens Portugêses*. Já que vem ao caso, esta coleção, por buscar focalizar a análise linguística em metade do seu conteúdo, deveria contar com o apoio de autores especialistas no ensino de linguagens, pois tanto Wilton Ormundo quanto Cristiane Siniscalchi dedicam-se majoritariamente aos estudos literários.

No que diz respeito ao aproveitamento dos avanços nos estudos linguísticos, destacamos ainda que, sob um caráter cientificista, não devemos eleger apenas uma teoria como suprema e descartar as demais que, apesar de seguirem outros procedimentos teóricos-metodológicos, trazem consigo contribuições significativas para o ensino de língua. Isso é o que nos parece ter acontecido, metonimizando o ensino de língua portuguesa, com o LD analisado: a teoria sociinteracionista, que trabalha a língua a partir dos gêneros textuais, foi eleita como basilar e, conseqüentemente, as demais foram deixadas à margem das salas de aula.

Dentre as teorias escanteadas, ressaltamos a gerativista, a qual, como já discutimos, trouxe uma expressiva colaboração nos estudos dos sintagmas preposicionais predicados em sentenças copulativas – fenômeno este que enfrenta controvérsias entre os estudiosos, ainda que seja fecundo entre os falantes. Pela falta de consenso, a obra didática em análise optou por versar sobre as preposições e os verbos de ligação de forma insatisfatória e isolada, e ainda menoscar o fenômeno, a tratá-lo conforme a complexidade reflexiva e teórica que ele demanda.

Em face a esse contexto, acreditamos, assim como Perfeito (2005), “que deixar de reproduzir as lições estanques e gramaticais do livro didático configura-se como um árduo caminho a percorrer pelo professor” (p. 835). Sendo assim, defendemos a necessidade de um ensino de gramática contextualizado que não implique, impreterivelmente, na exclusão de uma sistematicidade no eixo da análise linguística/semiótica. A “conversão” dos professores de modo austero ao sociinteracionismo fez com que o ensino dos tópicos gramaticais fossem barateados e escamoteados sob os gêneros textuais; e a análise linguística/semiótica, a qual deveria fincar-se no fazer docente, parece não ter saído da abstração e criado raízes na prática dos professores.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A coleção *Se liga nas linguagens Portugêses* (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2020) – a qual, como já ressaltamos, foi aprovada no PNLD de 2021 – diz basear-se nas premissas teórico-metodológicas da BNCC. Por consequência, os autores firmam um compromisso em trabalhar os eixos de ensino (leitura, escrita, oralidade e análise linguística/semiótica) de forma integrada a partir dos gêneros textuais. No caso específico da análise linguística/semiótica, a partir da qual a obra é estruturada, espera-se um tratamento que tencione o desenvolvimento não somente da habilidade metalinguística, mas, sobretudo, da epilinguística, considerando os tópicos gramaticais de grande produtividade e relevância nos usos modernos do português brasileiro.

Entretanto, a partir das análises empreendidas, observamos que há um desalinhamento da coleção com a promoção efetiva de uma análise linguística/semiótica, o qual pode ser verificado não apenas nas explanações dos tópicos gramaticais, mas nas atividades de cunho raso e classificatório em que a sintaxe é posta não em paralelo à semântica, mas de forma preponderante. Nesse

sentido, a *preposição* foi desconsiderada enquanto núcleo e formadora de sintagmas, sendo disposta apenas como um elemento de ligação. Para mais, os *verbos de ligação* e as *preposições* não foram trabalhados de forma relacionada, isto é, funcionando em sentenças copulativas predicadas por sintagmas preposicionais. De outro modo, esses elementos foram dispostos sob um viés que, para além de não valorizar seu funcionamento sintático-semântico, impede o aluno da educação básica de ter acesso às reflexões mais complexas que fujam dos axiomas linguísticos inalteráveis dispostos nas gramáticas tradicionais.

Possivelmente, escutaremos imperativos como “Não devemos formar linguistas na educação básica”, ao defendermos o ensino de fenômenos proporcionalmente produtivos e não consensuais – como é o caso dos sintagmas preposicionados predicados em sentenças copulativas. Mas, nossa máxima é a de que “não há educação sem pesquisa, sem reflexão, sem curiosidade, sem perplexidade” (OLIVEIRA E QUAREZEMIN, 2016, p. 174). Destarte, acreditamos que, assim como nas aulas de química, os alunos devem ter acesso às diferentes correntes teóricas que versam sobre os átomos, nas de português, os alunos não devem esperar um fenômeno calhar nos compêndios gramaticais e, posteriormente, nos LD, para ter ciência do andamento das investigações linguísticas acerca deles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BERG, M. B. **O Comportamento Semântico-Lexical das Preposições do Português do Brasil**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. Tese (Doutorado em Letras)

BORGES NETO, J. **Ensinar gramática na escola?**. REVISTA VIRTUAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM , v. 7, p. 68-83, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equipamentos.pdf>. Acesso em 01 de mai. de 2022.

CARLSON, G. **Reference to Kinds in English**. Ph.D thesis. University of Massachusetts at Amherst, 1977.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use**. New York: Praeger, 1986.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. edição, revista e aumentada. Lisboa (Editorial Caminho – Coleção Universitária/Série LINGUÍSTICA, 2003.

ILARI, R. et al. A Preposição. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2021.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2022.

MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. **A favor de small clauses**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 49, n. 1, p. 11–28, 2011. DOI: 10.20396/cel.v49i1.8637243. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637243>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 1999.

OLIVEIRA, R. P. D.; QUAREZEMIN, S. **Gramáticas na Escola**. Petrópolis: Vozes, 2016.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. . **Se liga nas linguagens**: Português: Manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e análise lingüística: diagnóstico para propostas de intervenção. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G.; RAUBER, A. S. (Org.). **CONGRESSO LATINO-AMERICANO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS**, 1., 2006, Florianópolis. Anais...Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. p. 824-836.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016.

RAPOSO, E. P. Orações copulativas e predicções secundárias. In: RAPOSO, E. P. et al. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

THOMÉ VIEGAS, E. M. **Preposições**: construção de uma abordagem variacionista no ensino médio. REVISTA LINGUÍSTICA , v. 15, p. 233-253, 2019.